Simone Parrela Tostes

Professora da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte e do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais em Coronel Fabriciano.

Comunicação oral para a Sessão Temática ST3 – Corpografias urbanas

Corpos e gestos na realidade urbana contemporânea

O presente texto propõe discutir as imbricações corpo-cidade a partir de questões decorrentes da constituição do fenômeno urbano contemporâneo. Numa primeira parte serão desenvolvidos, a partir da consideração das formulações de Henri Lefébvre, os argumentos que permitem compreender a realidade urbana contemporânea, procedendo-se a um esclarecimento e reformulação de alguns termos, conceitos e premissas com os quais confrontá-la.

Em seguida, serão apresentados os argumentos que permitem entender, na escala e na realidade dos gestos, as possibilidades, condicionamentos, restrições e potencialidades aos quais a experiência do corpo se liga na realidade urbana contemporânea. Sem pretender esgotar o assunto ou sequer elencar todas as possibilidades propostas para o entendimento do tema, pretende-se investigar as especificidades dos gestos em uma sociedade transformada pela industrialização e pela urbanização. Partindo ainda de Léfèbvre, mas incorporando as contribuições de Foucault, referentes ao entendimento da disciplina e da biopolítica; as contribuições de Richard Sennet referentes às relações corpo e cidade na civilização ocidental; a crítica radical de Adorno à tecnificação como dominação, e as práticas microbianas de Certeau, se esboçará um panorama possível de entendimento dos impasses e possibilidades que informam os corpos e gestos nos espaços de nosso tempo, caracterizados pelos signos da segregação e da desigualdade, mas também pela possibilidade de transformá-los.

Corpos e gestos na realidade urbana contemporânea

A realidade contemporânea: da cidade ao urbano

Entender a cidade implica o conhecimento e a consideração das condições sócio-históricas que a constituem. Assim, entre Atenas, Florença e São Paulo, qualquer aproximação só pode ser feita levando-se em conta também suas diferenças, suas descontinuidades e principalmente sua irredutibilidade a uma essência comum, a-histórica.

As condições que definem hoje a realidade urbana nasceram da industrialização, o que traz inúmeras e complexas decorrências. O que aparentemente soa como uma obviedade constitui-se de nuances menos óbvias, principalmente quando se leva em conta o fato de que as condições que permitiram o surgimento da industrialização se ligaram em sua origem, dentro de outros contextos históricos, aos signos da não-cidade: o comércio, a princípio segregado na cidade política, interditado na ágora e no fórum, e do mesmo modo a indústria nascente, surgida próxima das fontes de energia e matéria prima, no campo, portanto no *outro* da cidade mercantil, na não-cidade. "A não cidade e a anti-cidade vão conquistar a cidade, penetrá-la, fazê-la explodir e com isto estendê-la desmesuradamente, levando à urbanização da sociedade, ao tecido urbano recobrindo as remanescências da cidade anterior à indústria" (Léfèbvre, 1970, p. 25).

O teor das transformações sofridas pelas cidades a partir de então é de tal magnitude que faz surgir uma nova realidade, cujas múltiplas denominações - ainda que discutíveis sob alguns aspectos - são sintomáticas desta verdadeira mutação: metrópole, megalópole, pós-cidade, exurbia, cyburbia, cidade global, pós-metrópole, dentre vários outros termos. Comum a todos eles a tentativa de compreensão e caracterização de uma nova realidade que se sobrepõe, altera e ultrapassa para muito além de uma mera aceleração de suas dinâmicas constitutivas, aquilo que um dia se denominou cidade. Menos do que uma nova realidade acabada, definitiva, trata-se de um processo em curso, uma orientação. É ainda Léfèbvre quem descreve as características deste novo fenômeno urbano:

> *"a implosão-explosão (metáfora emprestada da física nuclear), ou seja, a enorme concentração (de pessoas, de riquezas, de coisa e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamentos) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, satélites, etc"* (LÉFÈBVRE, 1970, p.26).

Trata-se de uma lógica centralizadora e simultaneamente descentralizadora: o centro satura-se e se dissemina, orientando a constituição de centros diferentes, a dispersão e a segregação. (LÉFÈBVRE, 1970). Importante a ressaltar é que este processo não é homogêneo nem homogeneizador: não elimina as desigualdades pré-existentes, mas ao contrário as aprofunda ao transformá-las. Ainda Léfèbvre: "Ademais as contradições não se situam mais entre a cidade e o

campo. A contradição principal se desloca e se situa no interior do fenômeno urbano: entre a centralidade do poder e as outras formas de centralidade, entre o centro "riqueza-poder" e as periferias, entre a integração e a segregação" (LÉFÈBVRE, 1970, p. 155).

O que se processa é uma verdadeira reconfiguração não só do meio físico, mas das ações e práticas que nele se dão, inaugurando-se novas condições de existência, marcadas por um lado pelos traços de uma especialização altamente sofisticada, visível na opulência dos sistemas de produção, de poder, de infra-estruturas, de consumo, de controle, de segregação; e por outro lado pelos traços da marginalidade e da exclusão, das quais a informalidade e o improviso são estratégias recorrentes. Dentro deste quadro, falar dos corpos e dos gestos implica necessariamente a consideração de tais contradições e divisões que urge serem ultrapassadas: as solicitações que investem o corpo do gari ou do trabalhador da construção civil não são as mesmas que incidem sobre o estudante da classe média ou ainda sobre o trabalhador mais qualificado; em ambos os casos não se pode compreender tais solicitações sem considerar, entre outras, as dinâmicas que definem se, onde e como habitam, se deslocam, descansam, se divertem, estudam ou trabalham os sujeitos do urbano. Desnecessário dizer que para muitos a própria condição de sujeito é uma conquista a ser reivindicada; ou por estarem completamente excluídos de seu direito à cidade, ou completamente integrados aos sistemas hegemônicos produtores e reprodutores de desigualdades. Todas estas dinâmicas passam pelo corpo e nele se inscrevem, daí decorrendo que deve também passar pelo corpo um caminho de emancipação a ser constituído. Mas antes de se indagar sobre tais hipóteses, faz-se necessário apontar alguns balizamentos que aclarem as relações do corpo dentro da realidade urbana. Em primeiro lugar o entendimento das dinâmicas espaciais e temporais: se é verdade que o capitalismo industrial re-configurou os espaços de acordo com suas exigências, fez o mesmo com o tempo, inscrevendo também nele sua lógica. Tais re-configurações tiveram como pressuposto e condição uma re-configuração do campo político, que por sua vez ocasionou um tipo de investimento sobre os corpos, definidor de novas relações.

Corpos, poder e espaços: os gestos disciplinados

Foucault localiza nos séculos XVII e XVIII o surgimento de um tipo de poder centrado no corpo, apoiado em dispositivos espaciais e agenciamentos temporais, constitutivo das sociedades disciplinares, e que se desdobra em dois pólos:

> "Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. Depois da anatomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anatomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma "biopolítica" da espécie humana" (FOUCAULT, 2002, p.289).

Os processos aludidos correspondem a estruturas espaciais e institucionais, a agenciamentos temporais e a procedimentos específicos nos quais o corpo adquire uma relevância estratégica: ao primeiro pólo corresponderiam instituições como escolas, prisões, fábricas, quartéis. Nelas se assegura a separação, a hierarquia, a visibilidade e a vigilância; por meio delas se procede ao adestramento e ampliação das aptidões, assim como sua integração em sistemas eficazes e econômicos, numa "tecnologia disciplinar do trabalho" (FOUCAULT, 2002, p.289). Trata-se de uma "codficação instrumental do corpo" (FOUCAULT, 2004, p.130), que define as relações corpo manipulado-objeto manipulador.

Ao segundo pólo corresponderiam outros procedimentos e técnicas que entretanto não excluem os do primeiro: trata-se de gerir e instituir um suporte aos processos biológicos: nascimento, morte, nível de saúde, longevidade. O corpo ao qual se alude agora é o corpo coletivo, social. Com o desenvolvimento das cidades e com o surgimento de uma população operária que assoma a elas, a unificação do poder torna-se uma necessidade prática, política e econômica, fazendo surgir um novo imperativo: constituir a cidade como uma unidade. Daí o desenvolvimento das estruturas urbanas constituírem elas mesmas outra vertente das biopolíticas.

Desta maneira se constitui, a partir da nova realidade espacial surgida no âmbito do capitalismo, uma ordem que irá definir a partir de então o patamar a partir do qual entender as relações corpo-cidade.

Embrutecimento e anestesia: o gesto dirigido

"A tecnificação torna, entrementes, precisos e rudes os gestos, e com isso, os homens. Ela expulsa das maneiras toda hesitação, toda civilidade, subordinando-as às exigências intransigentes e como que a-históricas das coisas. Desse modo, desaprende-se a fechar uma porta de maneira silenciosa, cuidadosa, e, no entanto, firme. As portas dos carros e das geladeiras são para serem batidas, outras têm a tendência a fechar-se por si mesmas, incentivando naqueles que entram o mau costume de não olhar para trás, de ignorar o interior da casa que os acolhe.. Não se faz justiça ao novo tipo de homem, se não se tem consciência daquilo a que está incessantemente exposto pelas coisas do mundo a seu redor, até em suas mais secretas inervações. (...)Nos movimentos que as máquinas exigem daqueles que delas se servem localizam-se já a violência, os espancamentos, a incessante progressão aos solavancos das brutalidades fascistas" (ADORNO, 1992, p.33).

Adorno aqui descreve o tipo de efeito a que os corpos se submetem no regime alienante da sociedade industrializada, tecnificada, mostrando que o embrutecimento, o automatismo e a alienação implicados nos processos de divisão do trabalho da produção industrial não restringe seus efeitos apenas aos operários: é uma lógica que ultrapassa os domínios produtivos e se inscreve no corpo, contamina os gestos e impõe ao homem e à sociedade sua violência constitutiva.

Mas há ainda uma outra forma que a alienação dos gestos assume a partir da produção industrializada: quando não o embrutecimento, provocado por aparatos que estimulam certa violência, seu reverso complementar: o anestesiamento por meio de objetos e dispositivos cujo padrão de interação com o sujeito limita-se a demandar o menor esforço possível. Reação, programação, resposta automática sem um verdadeiro investimento do corpo e dos gestos; aparatos "inteligentes" capazes de obedecer a determinados comandos diminuindo, até quase prescindir por completo, o toque físico. Estas são características dos novos artefatos tecnológicos que, correspondendo ao novo estágio de produção, ultrapassam-no e também contaminam a sociedade, gerando, do ponto de vista do envolvimento corpóreo, verdadeira atrofia. Atrofia gestual, resultado que não por acaso nem coincidência os imperativos do conforto e da comodidade também acarretam.

A este respeito, um exemplo que Richard Sennet analisa em Carne e Pedra é exatamente a gradual passividade do corpo a partir da emergência do conforto nas cadeiras. Comparando-se a posição e solicitações do corpo requeridos em um banco da Idade Média com o requeridos nas cadeiras do século XVIII e posteriormente do século XIX, vê-se claramente uma tendência à diminuição dos esforços, quase a uma imobilização: do banco sem encosto à cadeira articulada que ainda permitia uma certa liberdade ao corpo, sem grandes restrições aos movimentos, ao século XIX, das cadeiras estofadas capazes de prover com o estofamento um maior acolhimento e sensação de bem-estar ao preço da restrição daquela liberdade anterior (SENNET, 2003). Trata-se mais uma vez da constatação de uma crescente passividade a que os corpos se submetem na sociedade reconfigurada pela industrialização.

Neutralização, embrutecimento: no pêndulo em que os gestos oscilam, outras modalidades de deturpação dos gestos e da experiência do corpo se insinuam. A exploração econômica e mercadológica do corpo efetuada pelos mecanismos da indústria cultural reafirma o empobrecimento dos gestos e da experiência corpórea, enquanto explicita o caráter sintomaticamente desumanizador de suas estratégias. Basta pensar nas mensagens publicitárias que, ao quantificar os nutrientes dos alimentos industrializados, nivelam o corpo humano aos artefatos que necessitam de carga e recarga, desumanizando-o em nome de uma motivação "saudável" e "natural".

Práticas urbanas: as astúcias dos gestos

Uma outra perspectiva a partir da qual pensar as condições dos corpos e gestos na realidade atual é constituída pelas idéias de Michel de Certeau em a Invenção do Cotidiano. Sem deixar de considerar as coerções implicadas na produção dos espaços planejados e na ordem geral do capitalismo, descreve uma outra produção, a das práticas urbanas, do espaço vivido:

"Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede da "vigilância", mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também

minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que "maneiras de fazer" formam a contrapartida, do lado dos consumidores "ou "dominados"?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política.
Essas "maneiras de fazer" constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam de espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural. Elas colocam questões análogas e contrárias às abordadas no livro de Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de "táticas" articuladas sobre os 'detalhes" do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes da 'vigilância". Esse modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina [...]" (CERTEAU, 2003, p.41).

Ora, aqui se trata da dimensão verdadeiramente criadora da experiência e da prática. E por qual outro caminho se pode proceder a tal prática que não o do envolvimento do corpo,? A argumentação de Certeau permite balizar as decorrências de todo aquele estado de coisas descrito por Adorno sobre a tecnificação: sem negar os imperativos aos quais estão sujeitos os homens, Certeau informa sobre nuances relevantes nas relações corpo-cidade. Aqui configura-se todo um horizonte de possibilidades, que entretanto não é da ordem do grandioso: um ultrapassamento sutil, modesto, se inscreve e opera a partir das minúcias, dos modos de fazer *pelo* corpo. Em sua miudeza tais operações confrontam e transformam as coerções disseminadas, reinvestindo o corpo com uma potência diferente, a da delicadeza, da invenção pequena.

Por uma reinvenção dos gestos

Na efetiva concretização de uma experiência emancipadora da vida urbana, uma consciência renovada do corpo, torna-se necessária e mesmo indispensável. Para tanto, somente a consideração, único caminho para seu ultrapassamento, das lógicas que embrutecem, aprisionam e neutralizam a experiência do corpo pode gerar uma perspectiva de ação que não se limite à mera reprodução de tais lógicas. Conhecê-las e combatê-las não expressa portanto qualquer sentimento de negação do presente, na forma de um chamado a um passado ou futuro menos alienantes. Como bem pontua Delleuze na análise que faz da passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, "Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições" (DELLEUZE, 1992, p.220). Do ponto de vista da produção e da prática do espaço, as sujeições da realidade contemporânea devem ser ultrapassadas na constituição do que Léfèbvre chamou de leis do urbano (que não se confunde com o urbanismo porque o contraria em muitos aspectos): a recusa à segregação e à separação (mas não à diferença), a substituição do contrato pelo costume, a

”reapropriação pelo ser humano, de suas condições no tempo, no espaço, nos objetos (LÉFÈBVRE, 2004, p.163). Em outras palavras: por meio da reinvenção dos gestos.

Referências bibliográficas:

ADORNO, Theodor. *Mínima Moralia*, São Paulo: Atica, 1992.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes,[1994] 2003.

DELLEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: DELLEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1992 (Coleção Trans).

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal [1979], 2006.

_____. *Vigiar e punir.* Petrópolis: Vozes [1987], 2004.

LÉFÈBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MUNFORD, Lewis. *A cidade na história*. São Paulo: Martins Fontes [1982], 1998.

SENNET, Richard. *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental.* Rio de Janeiro: Record [1994], 2003.

SOLA-MORALES, Ignazi. *Territórios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.